

A psicanálise do fim do mundo

(e a política do sintoma)♦

II – Eco e escrita



Sumário

O estado de direito	2
Eventos de clínica e testemunho de passe.....	3
Uma palavra, apenas.....	3
Descompletar	4
O eco de um dizer no corpo.....	5
Uma interpretação.....	5
Ambiguidade	6
Fim do mundo	8
Discussão	9
Bibliografia sugerida.....	11

Benvindos,

Primeiro algumas coisas práticas.

O primeiro encontro foi cheios de referências, todo mundo falou que estava denso, mas tinha uma série de premissas que vamos desdobrar até o fim do ano.

Afora isso, quando aparecerem referências no FB serão sempre replicados no e-mail. Lá já está muita coisa. Não é para ler tudo. Apesar de ter percorrido o que pude dessas referências, gosto do Flusser para discutir o mesmo tema, o fim da escrita. Leiam o capítulo que Clarice enviou. Ele é muito pé no chão. Derrida é uma grande referência para esse tema, mas a gente vai ficar meio que passando ao largo das referências bibliográficas com a escolha do Flusser, ele não dá referência e ao mesmo tempo tem uma leveza grande até por isso.

O material clínico, o testemunho do Oscar Ventura, por exemplo, enviei por e-mail, não iria colocar no Facebook, mesmo que ele nos tenha dado sua autorização para publicar.

♦ Este texto reproduz o segundo encontro do seminário do ICP-RJ “A psicanálise do fim do mundo” ocorrido em 25/05/16, transcrição Cida Malveira.

O estado de direito

Vamos comentar o passe de Oscar Ventura hoje, mas antes disso um pouco do momento da AMP, que nos diz respeito diretamente. A *Associação Mundial de Psicanálise* reúne sete Escolas na Europa e nas Américas (lembrando que este é um conceito, Lacan preferiu “Escola” à “Sociedade”). Somos lacanianos com uma marca muito especialmente política, a partir do trabalho de J. A. Miller em seu curso “A Orientação lacaniana”.

Vocês assistiram a transmissão da Conferência de Jacques Alain Miller, pronunciada no dia 13 de maio de 2017 no *Palácio de la Prensa* de Madri¹? Quero propor duas ou três ideias de Miller apresentadas ali para discutir a relação entre clínica e política, que podem nos levar a pensar o que podemos fazer aqui no Brasil com relação a isso.

Primeiro a seguinte fórmula de Freud destacada por Miller: “A psicologia individual é de saída e simultaneamente uma psicologia social” (última frase do primeiro parágrafo da introdução).

É o que permite a muitos considerar que o maior gesto político do psicanalista é atender, um por um, que as mudanças de uma análise, uma por uma, serão nossa contribuição para a cidade. Miller propõe que é preciso mais que isso.

Não porque isso seria pouco, insuficiente, mas porque achar que se está “só” tratando pessoas, para começo de conversa é uma ilusão: “Pensar que a psicanálise é exclusivamente uma experiência de um por um, uma experiência íntima que escapasse do caos, do mal-estar que prevaleceria do lado de fora é um erro”.

Por isso, o outro lado da frase também é verdadeiro: escolher fazer uma análise, como analisante ou analista, é também uma tomada de posição no campo social. E essa tomada de posição pode precisar de ações concretas para poder sobreviver a nós.

Esta é uma maneira, boa maneira, de entender o que diz a expressão “Analista cidadão”, já canônica em nosso meio, cunhada por Éric Laurent.² O analista cidadão não é apenas o contrário daquele que acredita em uma posição atópica, extraterritorial como vimos no último encontro, não é necessariamente aquele que trabalha atendendo em consultório de rua, ou em ONGs ou na rede pública. Pode ser tudo isso um pouco, mas sobretudo ele é o que se envolve com as questões da cidade que podem dizer respeito à psicanálise.

Miller propõe uma questão como essa, um ponto de partida que todo mundo deveria discutir, “O Estado de Direito”. O “núcleo [*noyau*] da questão” seria esse porque não há psicanálise sem estado de direito. “Quais são os limites do estado de direito?” temos que discutir isso, diz ele, porque “a própria possibilidade da psicanálise é ligada à liberdade de expressão”.

Esse é “o” ponto a meu ver para nós. No Brasil a questão de “estado de direito” é bem mais complicada. Podemos dizer que vivemos um “estado de direito”? Ele está ameaçado? Mais fácil seria dizer que haveria ameaça ao estado de direito se Bolsonaro estivesse em vias de ser presidente. Quem liberdade de expressão no Brasil? Não podemos imaginar situações em que é difícil falar em “estado de direito”?

Participante: inaudível

Teríamos que discutir se é “estado de direito” ou não, aqui no Brasil precisamos nos perguntar sobre o tema.

Além de indicar este ponto, Miller traz uma proposta. Não é a de um discurso único, nem coletivo, mas um discurso em que “cada um toma posição”, o que é diferente de “cada um por si”, estas tomadas de posição, desde que cada não ceda de sua relação com o real que sustenta a psicanálise, podem ser ricas e articuladas. Esse real, ele chamou de “luz interior” referindo-se a uma expressão de Simone Weil. Singularidade, gozo do *sinthoma*, relação com seu inconsciente, podem ser outros nomes desse real.

O que Miller propõe é uma revista nova, que beba da ou ajuda e sustentar uma rede que ele define como “múltipla, articulada e discutida”. Já depois da conferência ele vem criando a rede. A revista internacional de política lacaniana, complemento online de *Lacan Cotidiano* chama-se Heretic e a rede Zadig.³

Eventos de clínica e testemunho de passe

Como encaminhar tanta coisa na política da psicanálise e da psicanálise na política? Minha proposta, pelo menos para os primeiros encontros é ir recenseando os temas que nos interessam. Ao mesmo tempo ir avançando na estabilização de um mínimo solo comum do qual partirmos para abordar os temas candentes de nosso fim de mundo.

Essa solo comum passa por uma discussão sobre o que é uma análise, sua especificidade, seu real próprio.

Por isso o passe. Mas não só. Pensei em outra coisa também. O passe é uma vida inteira comprimida em três ou quatro momentos cruciais. O horizonte é muito amplo ao mesmo tempo muito específico. Pensei em nos apoiarmos também em outro tipo de material. Acabou de abrir uma rubrica, no último número da revista *La Cause, breves du divan*, que me encantou. Pedi a algumas pessoas para produzir algo parecido e também para traduzir. São pequenos acontecimentos na clínica, quase *hai-cais*. Vejam este:

Uma palavra, apenas

Por Laura Sokolowsky (trad. Andrea Reis)

Aquele menino de cinco anos estava identificado com o discurso de seus pais, que o descreviam como um menino malvado, que ameaçava os colegas na escola.

Na primeira sessão ele revira os olhos e fala obscenidades como se estivesse possuído pelo demônio do filme “O exorcista”. Enrola seu cachecol em volta do pescoço simulando um estrangulamento e se joga no chão. Com um ar ameaçador, agita uma tesoura aproximando-a dos meus olhos. Mantenho-me firme. Ele pega um “pilot” preto e se lança, com o braço erguido, como se estivesse armado, na direção de uma parede branca do consultório para rabiscá-la. Ele é fascinado por lobos, por ladrões, bruxas, prisões, venenos e pela cor negra. Arranca com raiva as páginas de um livro e espera a minha reação. Não digo nada.

Quando ele amarra meus pulsos com pedaços de barbante que tira dos bolsos, eu lhe agradeço “pela bela pulseira”, e ele fica estupefato.

Esse é o começo de uma análise que vai durar dois anos e que terminará com um bolo que ele trará solenemente para a sessão para ser partilhado.

Às vezes uma ou duas palavras podem ser suficientes para engancha a transferência.

Impressionante o estoicismo clínico de Laura. Vejam o quanto isso abre de discussão rica, principalmente sobre como uma palavra ambígua pode ser inaugural. Pedi algo no mesmo veio à Dinah, vejam o que ela me mandou:

Descompletar

Por Dinah Kleve

Há uma oficina no CAPS em que trabalho aberta aos pacientes interessados em fazer uso dos diferentes materiais ali disponíveis.

Lá testemunhei a conversa entre dois usuários a respeito de determinada “bunda de mulher” vista por ambos. “Era assim?” Provoquei, fazendo um desenho tosco de uma mulher nua, apenas da cintura para baixo, de costas. “Uma bunda andando sozinha pela rua?”. Achando graça em meu comentário, Ronaldo (outrora um talentoso pintor muito empobrecido em decorrência do uso indiscriminado de cocaína e longos períodos na rua), explicou-me que era assim que os homens enxergavam as mulheres - apenas uma parte e não o todo. Põe-se, em seguida, a retocar meu desenho e a me dar algumas indicações de como melhorá-lo.

Essa ocasião permitiu que déssemos início a uma sequência de aulas em que Ronaldo revisitou o método que seu mestre (e amante) utilizara para orientá-lo no desenho. Tinha gosto em me chamar de “aluna” e se vangloriava junto aos outros pacientes de estar dando aula a um “peixe graúdo”.

A passagem da “bunda” como objeto fetiche para uma imagem incompleta parece ter possibilitado que Ronaldo descompletasse também a mim, abrindo novas possibilidades em seu tratamento.

Minha intervenção, na contingência, teria sido um momento de surpresa em que foi possível capturar algo do real em questão para Ronaldo, fazendo-o cessar, um instante ao menos, de não se escrever.

Peço que vocês escrevam uma passagem como essas da clínica de vocês. Qualquer coisa. Vou editar, vou interagir com os autores e Carla vai mandar para todos. É um palpite e um projeto, que pode funcionar ou não, o de uma forma de transmissão pontual, de um “acontecimento” na clínica. Não é um caso clínico, mas é clínico. Basta a sensação de que alguma coisa aconteceu e que dá para registrar, escrever e contar. Que tal chamar de um *evento de clínica* ou um *haikai da clínica*?

Mais à frente, aposto que essas pepitas serão preciosas. Hoje é o passe.

Vocês leram o texto de um testemunho de passe. Para quem não sabe, Lacan inventou dispositivo para que alguém possa levar à público o que considera ter sido sua análise e como ela chegou a uma conclusão. Ele terá que relatar sua análise e alguns terão que considerar com base nesse relato que ela se terminou convincentemente. Ele passa então a testemunhar sobre o que ocorreu.

Um testemunho é algo muito especial, tem a ideia de que você está dizendo o que foi, não quer dizer verdade ou mentira, como define Semprum ele é a tentativa de “tornar crível uma experiência de real” por alguém que viveu essa experiência, supõe que você consegue passar alguma coisa do real, que não é exatamente dizível, mas que assim mesmo se diz, ou como afirma Agamben, todo testemunho envolve pronunciar um impronunciável.⁴

O passe do Oscar Ventura que indiquei para leitura e que vamos comentar hoje é muito didático.⁵

No testemunho do Oscar, ele conta a história dele, vale a pena voltar ao prefácio do livro da Lucíola.

O eco de um dizer no corpo

O Outro do Oscar de saída era muito consistente. Ele se encarna naquele diagnóstico trágico do médico, na gravidez da sua mãe, tomada por uma profunda depressão que vai se acentuando cada vez mais e entre os cinco e os seis meses, o médico diz que seria melhor provocar um aborto.

“*Mata-se uma criança*”, programação antes do nascimento. Quem não tiver perto da experiência da psicanálise pode pensar “que bobagem! Esquece”.

Nós consideramos que o Outro é feito de dizeres, o eco desses dizeres tocam o corpo, é a própria definição de Lacan para a pulsão no *Seminário 23*, a pulsão “é um eco no corpo de um dizer”. Somos definidos por dizeres que se inscreveram na gente, que escreveram a gente, mas dos quais só temos em nós o eco.

Eco, aqui, não é reflexo, não é espelho sonoro, não é o eco que fazemos no vale, “Alô! Alguém aí?” O eco de Lacan é mais *ecoar*, é mais imaterial. Se fosse “aquilo que a mãe disse”, seria uma materialidade que poderíamos trabalhar, mas não é bem o que ela disse, é mais o que marcou do que ela disse e que ecoa até hoje em algum lugar.

A prescrição do médico está escrita em algum lugar, mas será preciso fazer um trabalho de reconstituição para poder ler seus ecos. Não está escrita nos genes, sem nas estrelas. Digamos que está escrita no Outro, pois o Outro, para nós, em seu sentido lacaniano, é que constitui os nossos dizeres.

Para Oscar, mesmo já estando no Outro essa prescrição não será exatamente uma determinação histórica, um acontecimento histórico, mas um acontecimento pré-histórico, imemorrável. Uma tristeza incomensurável, pelo que nunca aconteceu, digamos, um eco de um dizer pré-subjetivo.

O testemunho vai nos apresentar as mutações desse eco, dessa escrita, como uma análise vai se aproximando dela, mudando a vida e reescrevendo a história com o que está escrito, mas que está e estará sempre fora da história.

É muito interessante porque se contrapondo a isso está desde cedo a falação memoriosa do avô. Uma falação que vai tentar calar esse silêncio. Silenciar o silêncio com a falação. Silêncio e falação é um paradoxo. A experiência que ele traz é como se a falação viesse junto, como a falação pudesse ajudá-lo esquecer. Ele se torna um memorioso, como o avô, memória ele tem muitas, mas isso está para além do que ele vai lembrar. Silenciar esse eco da possibilidade de uma escolha pela morte, mas ele não consegue parar de falar. Essa falação é uma escrita infinita porque não consegue se inscrever no mesmo plano da inscrição da morte e da melancolia.

Uma interpretação

Ele vai ver uma analista kleiniana, aos 14 anos. Ela lhe lança a seguinte interpretação:

Eu mexia a perna ritmicamente presa de meu estado, quando escuto: “Seu movimento de pernas representa a prática da masturbação, o que ocorre é que as fantasias que minha pessoa lhe despertou não encontram outra forma de expressar-se”.

Outro mundo, nada lacaniano. Como podemos falar disso? Essa intervenção deu direção a seu sexo, deu um objeto para a pulsão, especificou a pulsão sexual, deu sentido e orientação. “Esta verdade me desperta, faz esquecer minha obsessão pela morte” porque agora ele tem um interesse, não é só o gozo melancólico, mas gozo fálico. Ela se oferece como objeto da pulsão dele e o define assim como ser fálico.

Cuidado, não é dramático assim na vida real, é quase sempre um processo, uma série de intervenções, mas ele gravou a que valeu, que fez diferença. Não é toda intervenção que consegue isso, nem todo analista consegue, mais essa deu. Então, podemos dizer que esta fala memorável dessa analista deu sentido a seu gozo. Ela se ofereceu, em carne e osso como sentido para esse gozo.

É uma interpretação nesse sentido, o de constituir uma ressignificação, com um sentido novo para o real do sujeito, seu gozo. Mas o modo como se deu vai ter incidências depois, pois o analista vai ficar muito consistente, afinal ele sabe do real do gozo do sujeito. Inclusive a sensação que ele teve na hora foi a de ela era “uma bruxa”. Entende-se porque o analista ficará associado a este saber sobre o real que passa a interessá-lo diretamente:

Foi tal o impacto que fez surgir em mim rapidamente a curiosidade pela Psicanálise. Fica como saldo a modulação da angústia, o feminino se torna abordável. E surge um desejo poderoso que se tornou inquebrantável: ser psicanalista.

Ela se prescreve como objeto, mas imediatamente ele vem com a irrupção fulminante da questão sexual, abre-se o sexual como enigma. Depois a coisa vai andando, ele quer saber o que a bruxa sabe. No final ele vai precisar saber desconsistir o analista do lugar do gozo.

Ele consegue ainda a mulher certa, que não podia ser uma mulher bruxa, porque com uma mulher bruxa ele não ia fazer nada mais na vida, só o que ela mandasse, ou então se ela não tivesse de saber sobre o gozo ele ia deixá-la cair. Foi uma mulher que caiu do céu para sua fantasia porque, como ele diz, ele nunca sabe onde ela está.

Apesar disso tudo o sexual se especificando não elimina, não apaga o gozo melancólico pré-subjetivo. Por isso há também toda a história do exílio, ele se exilando para ver se consegue afastar a melancolia.

Vem a segunda análise. Há, nela, o modo como ele consegue resgatar alguma coisa do irmão que não é só mortífero. Ele resgata o passado de militância do irmão. E afirma que isso só foi possível porque essa análise conseguiu mudar seu regime de gozo, só pode fazer isso graças:

à presença e ao rigor de uma analista que soube situar, num momento delicado, a dignidade do sujeito que me habita. E já sem nostalgia, nem tanta tristeza, pude recuperar os traços de ternura e de carinho de meu irmão, para que sua lembrança, na tirania de minha memória, não fosse pura tragédia.

Essa é a força do testemunho, ouvimos e acreditamos que foi assim, mas que essa presença e essa dignidade foram essenciais, mas é um testemunho de passe, há também um lado demonstração de como a coisa se deu e isso só vamos encontrar na segunda interpretação por ele destacada.

Ambiguidade

Ele dizia *y entonces me tienen, nazco* o médico e a tropa dos melancolizadores: “eles me pegaram e eu nasço abortado”, era essa a ideia. O analista não faz nada, só muda a entonação, que muda o lugar da vírgula, agora será eles me têm *asco*.

O equívoco só vale na língua materna dele o espanhol, claro. Só é possível esse lapso, porque estamos lidando com fonemas e sua posição, numa montagem, numa estrutura que só podemos sentir em um paralelo com a escrita. Por isso falei em vírgula para

registrar a posição do fonema com relação à pausa é o que faz uma análise para produzir boa parte de seus efeitos, valorizar e acionar a escrita na fala ou, em outros termos, acionar o sem sentido na fala, por exemplo seus elementos mínimos de silêncio e ambiguidade.

Freud trouxe para nós o valor da pausa. Se o analista ficar quieto e falar “Hum!”, isso produz efeitos de surpresa ou ressignificação. Lacan talvez tenha trazido outro aspecto do acionamento da escrita na fala. Um analista lacaniano valoriza as ambiguidades, joga com a homofonia. Uma coisa é as pausas e ambiguidades que a própria linguagem tem, outra é acionar esses efeitos, dentro da análise, na transferência. No caso de Oscar, naquele momento específico em que ele estava, o efeito é mirabolante. Não foi tanto a especificação de um novo objeto, do melancólico para o dejetivo. Não foi só ele passar a ser o objeto de asco. De fato, já seria uma grande mudança porque uma coisa é ele ser um nada, um mortificado, outra coisa é ser uma coisa nojenta que alguém quer jogar fora. Ser um objeto nojento é melhor do um objeto morto. Provavelmente isso já seria um ganho para ele. É uma mudança no regime identificatório de objeto melancólico ele passa para objeto de nojo. Mas o essencial é que essa mudança não foi só uma troca, mas uma desidentificação. Ele só tinha uma, agora, ao ter duas, cada uma é só metade e se tenho duas, posso ter três e assim por diante. O efeito é de abertura do regime identificatório.

Ele narra isso quando diz, “pude, a partir daí, experimentar a passagem que implica encarnar a posição de analista como Outro para a posição de encarná-la como objeto”. Não é porque agora ele consegue ser objeto. É verdade que não dá para ser analista sem aceitar um pouco a posição de objeto resto. Porque em algum momento você será jogado fora, senão ninguém vai embora a não ser que se saia pela idealização de um “alta”, o que é péssimo. O grande doutor me curou, então me deu alta. Isso é o analisante que sai como objeto com recaída espreitando na esquina. A melhor saída é com o “doutor” como objeto”. Temos que suportar isso, e você nem tem certeza se foi a hora certa.

Com Oscar não é isso. Ele diz “eu pude ocupar a posição de analista a partir do momento em que deixei de ser um objeto melancólico”, mas não porque se identificou com o objeto resto, também é, mas sobretudo porque se desidentificou de um lugar específico. Essa é a “extração do objeto” como a gente diz não é uma nova identificação, mas uma identificação paradoxal, como diz Lacan do objeto *a*, no último encontro do Seminário 11. É a identificação que aparece às vezes com um animal, que representa bem um objeto de identificação problemática. Pensem no homem dos lobos, assim como nosso bestiário dos AEs, mosquito macaco, galinhas entre outros.

Por isso entendo que essa desidentificação o deixe “à mercê de minha própria relação com *lalíngua*”. Isso abre para a ideia de uma contingência, de uma possibilidade ainda não prevista de leitura do que está escrito. Não é que o que estava escrito nos ecos do Outro tenha sido apagado, mas que ele comporta um número bem maior de leituras do que até então.

Por isso ele chama sua prática agora de “sem destino”, sem um Outro fixo. Um dos melhores efeitos de uma análise, para quem é analista, é não mais achar que está fazendo certo ou errado.

Fim do mundo

Ele diz: “descobri que eu podia desaparecer sem morrer”. Queria propor a vocês tomarmos essa frase como um modo de traduzir esse momento de desidentificação, de abertura para a contingência das identificações como um momento de fim de mundo. Se vocês aceitarem essa ideia podemos tentar interrogar o “fim de mundo” de hoje, dessa semana, com o “fim de mundo” em uma análise.

Brasília ontem foi um “fim de mundo”. O presidente convocando as forças armadas por conta de uma depredação ao palácio que nem sabemos quem cometeu, se a própria polícia, se black-blocks ou outros candidatos. É o mesmo fim de mundo? De que maneira?

Qual mundo acaba para Oscar? Em nossos termos o da fantasia fundamental, modo como Lacan rele o tema da fantasia em Freud. De modo ligeiro, ela é um roteiro de articulação das fixações libidinais e das identificações de alguém que define as possibilidades de articulação entre seu lado sujeito e seu lado objeto. É também desse modo que alguém se estrutura e mantém coeso, se sustenta na realidade compartilhada, por meio dessa sua matriz ideológica individual.

Este mundo acabou, mas não desabou, nos termos de Lacan ele é “atravessado”, ou anda, ele é desacreditado como única via de sustentação de si. Tentem pensar essa situação. Ele ainda tem melancolia, provavelmente. Mas ao mesmo tempo não da mesma maneira, como diz no último parágrafo do texto “ainda sou demasiadamente tomado pelo olhar”.

O fim do mundo é quando você se desidentifica de si mesmo em análise. O que acontece com isso que mudou? Está lá, é quase como se você pudesse voltar ali.

Muitas coisas desaparecem numa análise. São eliminadas, mas não o modo de ser que estava escrito como ecos de dizeres do Outro. Amigos, paixões pode ser deixadas para trás, mas não estes ecos. Uma análise, com relação ao fundamental, alicerce, não é “acabou”.

É também o caso com Oscar. Seu testemunho tem um terceiro momento. Seria um pouco utópico se tivéssemos ficado aí. É fim de um modo de leitura e não das letras com que se lê. Não é só, agora estou mais livre e agora posso ter outras identificações. Esse seria um fim muito deleuziano. Lembrem-se que depois da passagem a analista de Oscar começa um zumbido. Há um fim com relação à fixidez da fantasia. Mas não dava para ser pura abertura à contingência.

Lembrem-se daquela passagem de Lacan em “Televisão”. Onde está a felicidade? Lacan vai ter um jeito de falar dessa felicidade pós fim da fantasia.

Nisso tudo, onde está o que traz felicidade [*bonheur*]? Exatamente em toda parte. O sujeito é feliz. Essa é até sua definição, já que ele só pode dever tudo a acaso, à fortuna em outras palavras, e que todo acaso [*heur*] lhe é bom [*bon*] para aquilo que o sustenta, ou seja, para que ele se repita.⁶

Ele joga com a etimologia. Ao “dividir” a palavra “*bonheur*”, Lacan reúne tanto o sentido de *bonheur* (felicidade) quanto o de bom/feliz (*bon*) acaso (*heur*). Por isso ele diz que a felicidade está em toda parte. O acaso é um regime que se abre para o Oscar nesse momento. A felicidade da psicanálise então seria poder viver um pouquinho o presente. Parece que óbvio, abunda no Facebook, por exemplo, mas é em parte verdade.

Só que “ele se sustenta naquilo que o permite se *repetir*”. Há alguma coisa que precisa se repetir para que ele possa estar aberto para à contingência. Isso parece paradoxal. Vamos ter que entender o que é isso que seguirá se repetindo, ou seja, que não mudará. Mas já aparece como não se trata de tornar-se uma metamorfose ambulante.

O que acontece? Na hora que ele está assim, revolucionário, “metamorfose ambulante”, em seu mundo, aparece um zumbido. Esse zumbido vai levar a uma outra análise.

Ela acontece depois do final do mundo. Não tem um fim da história, mas tem um pós, história. A história dele é a da fantasia, essa outra parte é fora da história, e que chamaremos do campo do *sinthoma*.

O modo fantasmático de articulação dele, como uma grade de leitura, pode mudar. Uma maneira de falar disso é dizer que se “*descrê*” no inconsciente, *descrê* na melancolia. Ou você vira *ex-assinante*, uma maneira para falar do que ficou e que seria uma boa maneira de traduzir o *desabonné* do inconsciente que é como Lacan se refere a Joyce. Laurent fala em crença no *sinthoma*, entendendo *sinthoma* como o que ecoa no conjunto de marcas do Outro, mas que não está contido nele. Saber fazer com o gozo do *sinthoma* seria o paradigma da escrita de Joyce.

É para onde vamos andar.

Discussão

Participante sobre a intervenção de Lacan no filme *Rendez-vous chez Lacan*, na cena em que a palavra *Gestapo* é quebrada em *gest à peau*

Eu aproximaria esta intervenção de Lacan da segunda de Oscar, a da ambiguidade. É a mesma estrutura da intervenção mesmo se tudo é tão diferente. A dor não tem jeito, mas o significante que marca a dor pode ser quebrado, pode se deslocar, pode ser colocado no rosto. Um certo jogo de manipulação literal sobre ele. Fazer daquilo que era uma palavra de dor, possa a ser uma palavra de pele.

Respondendo a um participante sobre a violência e o fim do mundo: sua tese embutida é: “quando você identifica com o fim do mundo, então vai aparecer a violência. A violência é um dos efeitos possíveis. Quando se coloca o exército em volta do Palácio, você está segurando o mundo. Estou entendendo que sua ideia está assim: “nesse pós qualquer coisa pode explodir como uma grande violência”. Não é o caso do Oscar.

A figura do analista dá um pouco de enquadre, para essa coisa, mesmo que essa coisa esteja solta. Não precisa de final de análise. Mulheres devastadas, o feminino desesperado, não tem lugar. Se o analista não está ali, presença e mais ou menos presente, vai para todo lado. Falei mulheres no sentido do feminino. Qualquer coisa do feminino numa análise, seria qualquer fora da fantasia, um fora da fantasia, como não-fálico, vamos pela clínica para chegar em algum lugar.

Respondendo a um participante sobre o sem-sentido e o retorno violento do sentido:

Se fantasia é o nosso nome do que faz sentido, quando temos uma espécie de desmantelamento da fantasia, a coisa já não tem mais tanto sentido, a tendência é tentar fazer um sentido na marra. É uma referência, por exemplo, do capitalismo, o capitalismo desmontando tudo e o fundamentalismo tentando fazer a posição, os mulçumanos – tradição, família e propriedade – se não tiver eu mato. Traz no real, aquela coisa que está desmantelada no simbólico, essa é uma possibilidade. Outra

maneira seria ir para a psicose, e dizer, “na psicose é assim”, mas estamos usando o testemunho do Oscar que é a neurose. É uma coisa mais coletiva a ideia da fantasia.

Respondendo sobre o conto “A página em branco”

O mosteiro da Karen Blixen tem pouco a ver com o contexto Brasileiro. Uma análise tem isso, de estar alinhando coisas, como as religiosas do mosteiro do conto. Karen Blixen vai nos ajudar a entender o relato de Oscar, só que Oscar vai além da página em branco. Veremos melhor na próxima. A melancolia do Oscar é como as noites de núpcias de todas as princesas, e o ponto da desidentificação do Oscar, resto e sei lá o que mais que se abre, é a página em branco. Vocês leram? A primeira não era virgem, todas eram, mas ela teve alguma coisa que as outras não tinham, ao invés de isso parecer como um gozo escrito a mais, aparece como o que a mulher perde para poder ser mulher. Quem quer ser a mulher de um rei, se ela quizesse ser mulher mesmo, ela já fez um monte de coisa antes, quando chegar a hora, ela não perdeu nada, e não ficou nada escrito, em alguma coisa que do gozo não se escreve, num sistema onde todo gozo está arrumado. Quando vamos para um sistema fora do mosteiro, o gozo que não se escreve não é a página em branco. Estou indo muito rápido com a Karen Blixen. Podemos começar por ela na próxima.

Participante: inaudível

Porque só pensamos no fim do mundo como uma ideia de um apocalipse. Tem muita gente boa vendendo o fim do mundo como uma saída. Fim do mundo na ecologia, vamos pensar a terra como bem universal, Nós somos planeta como a terra, tudo é planeta, não tem oposição entre o homem e o mundo.

Falei para retomarmos o Estado de Direito, que você acabou de trazer. A fantasia seria nosso equivalente ao Estado de Direito?

Outra coisa a comentar: a gente faz psicanálise porque ela faz bem? Ela faz bem, mas não é porque no final você chega num estado melhor e mais isso, mais aquilo, é uma maneira também, vale a pena lembrar de que esse finais de análise de alguma maneira o sujeito diz “fiquei melhor”, é verdade que ficou melhor, mais, quanto tempo levou para ficar melhor.

A análise não é exatamente uma terapia, pensar por exemplo se a análise não é poderia ser, para sua vida ficar melhor. Olha a felicidade que Lacan propõe! Você estar aberto a contingência não é uma felicidade, talvez esteja mais intenso.

Temos que continuar para pensar o que acontece depois do fim, aí vamos ter uma proposta política, não poderia ser apenas, se abrir a contingência, não leva a nenhum lugar no social, cada um vai vivendo as coisas. Cadê o laço? Contingentemente se encontrando e depois se separando. É uma proposta: se faz pacto locais, contrato e depois desfaz. As ocupações não são um pouco isso? Você vai, faz acontece e depois, desfaz, esse é um fim de mundo catastrófico, vamos sair da catástrofe? Porque vocês estão com a catástrofe na cabeça? Vamos ter um jeito para sair da catástrofe. Esse é um primeiro momento para dizer “se não tivermos uma proposta para sair da catástrofe, vamos ficar desesperados.

Participante sobre o fim da história

O fim da história do Fukohama, é diferente. Fora da história. Não estou com o sentimento de catástrofe, apesar de estar apavorado. Outra coisa é dizer, nós vamos conseguir nomear que mundo que está desaparecendo e vamos ver que não é todo mundo. Não estou dizendo que você – se dirigindo a alguém – é catastrófica não, podemos pensar que a catástrofe nos direitos humanos: esse aí é dos direitos humanos, defensor dos direitos humanos? Defensor dos direitos humanos é o indivíduo ser preso, é isso? Os direitos humanos acabaram. Acabaram os direitos humanos e estamos aqui

dizendo, acabou o mundo? Acabou os direitos humanos. Temos como fazer voltar?. Acho que não. Em certo sentido acabaram porque só funcionou. Agora é o homem como grupo que defende os direitos humanos como outro grupo que não está aí, para os direitos humanos. Os direitos humanos como uma pretensão de uma universalidade, talvez já acabou.

Como falar de direitos humanos num país como o Brasil? É diferente quando se fala de utopia, com um valor de utopia, uma diretriz, uma ideia norteadora, outra coisa é quando essa utopia já não é mais possível, não parece mais possível, é isso que está morrendo e temos que pensar agora em refazer essa utopia. É a posição do Miller, a psicanálise pode não estar aí, nos direitos humanos, mas ela não existe numa sociedade que tem a utopia dos direitos humanos, ou pelo menos do estado de direito, ele não falou isso, estou acrescentando. Numa sociedade que você não tem direitos, por exemplo, os cabos poderiam fazer análise? Se fosse fazer análise dava certo. A posição de Miller e de outros é que não. Seria o caso de perguntar para o pessoal da PM polícia militar, um Major. Qual é a dificuldade numa situação em que você é major e o outro é cabo? São questões que podemos abordar.

Bibliografia sugerida

Erick Felinto, anexou três livros.

Catherine Malabou, "*Plasticité au Soir de l'Écriture*", catherine-malabou-la-plasticite-au-soir-de-lecriture-dialectique-destruction-deconstruction.pdf

Richard Grusin, sobre o pós-humanismo, os "*novos materialismos*", o tema das agências não-humanas. richard-grusin-request-the-nonhuman-turn-edited-by-richard-grusin-university-of-minnesota-press-2015.pdf

Eugene Thacker, o primeiro livro de da trilogia sobre o "*fim do mundo*". [In-the-Dust-of-This-Planet-Eugene-Thacker.pdf](http://in-the-dust-of-this-planet-eugene-thacker.pdf).

Sugeri os livros de Claire Colebrook, especialmente *Death of the Posthuman*, que também estão acessíveis em PDF e também "On Ceasing to be Human", do Gerald Bruns.

Clarice Arantes, anexou um capítulo do livro "*Há futuro para a escrita?*", Flusser. [Flusser Modos de leitura2 \(1\).pdf](http://Flusser%20Modos%20de%20leitura2%20(1).pdf)

Gabriel Tupinambá, compartilhou o livro do Paulo Arantes, "*O Novo tempo do mundo*", 333321059-Paulo-Arantes-O-Novo-Tempo-Do-Mundo.pdf

¹ Lacan Cotidiano número 700/701. Disponível em: <http://www.lacanquotidien.fr/blog/2017/05/lacan-quotidien-700>

² (...) "Os analistas têm que passar da posição de analista como especialista da desidentificação à de analista cidadão. Um analista cidadão no sentido que tem esse termo na teoria moderna da democracia. Os analistas precisam entender que há uma comunidade de interesses entre o discurso analítico e a democracia, mas entendê-lo de verdade! Há que se passar do analista fechado em sua reserva, crítico, a um analista que participa; um analista sensível às formas de segregação; um analista capaz de entender qual foi sua função e qual lhe corresponde agora". Laurent, E. "O analista-cidadão", *Revista Curinga*, n. 13, Belo Horizonte, EBP – MG, 1999, p. 07-13 (http://minascomlacan.com.br/wp-content/uploads/2015/02/edicao_13).

³ Carta de divulgação da Revista, disponível em <http://www.lacanquotidien.fr/blog/2017/05/lacan-quotidien-696/>, sobre Zdig, cf, n. 700).

⁴ Agamben, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, São Paulo, Boitempo, 2008. Cf. tb Macedo, L. *Primo Levi, a escrita do trauma*, Rio de Janeiro, Subversos, 2014.

⁵ Primeiro testemunho de Oscar Ventura, como apresentado em Madrid, em outubro de 2016. (cf.) e em Inhotim, em 30/4/17, no Congresso de membros da Escola Brasileira de Psicanálise.

⁶ "Televisão", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 525.